

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X

lugares do habitar
places of living **REVISITED**
sem 1 - 11

Como citar este texto: SANTOS, R. G. Fenomenologia do espaço e do habitar: noites estreladas e invólucros simbólicos. **V!RUS**, São Carlos, n. 5, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=4&item=3&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm aaaa.

Fenomenologia do espaço e do habitar: noites estreladas e invólucros simbólicos

Rodrigo Gonçalves dos Santos

Rodrigo Gonçalves dos Santos é Arquiteto e Doutor em Educação. Professor do Curso de Tecnologia em Design de Produto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Pesquisa experiências estéticas e perceptivas e livre expressão por meio de um corpo-espaço-objeto.

Resumo

O espaço e uma maneira de habitá-lo e entendê-lo transitam neste artigo. A escritura assume uma postura fenomenológica na qual são descritos vividos de quem habita com a tentativa de acionar em que lê vividos semelhantes que explicitem um existir perante ao espaço.

Palavras-chave: fenomenologia, corpo-espaço-objeto, poética.

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem:

– Para que não comece a destruição. – E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: – Não só a cidade.

Se, insatisfeito com as respostas, alguém espia através dos cercados, vê guindastes que erguem outros guindastes, armações que revestem outras armações, traves que escoram outras traves.

– Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta. – Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto?

– Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos – respondem.

O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

– Eis o projeto – dizem.

(CALVINO, 1990, p. 117)

O espaço me fascina. Desde que me perco em minhas lembranças e (re)visito meus vividos reparo que o espaço está lá. Primeiramente, é a dimensão mais caseira que possa um espaço ser: o espaço da casa, espaço doméstico, e, mais precisamente, o espaço de um quarto. Quando pequeno me recordo de um quarto enorme com piso de assoalho de madeira e uma janela voltada para um terreno que ao fundo tinha um córrego (o qual mais tarde descobri ser uma vala formada pelas águas que desciam do morro) e um abacateiro gigantesco. Minha escrivanhinha ficava em baixo desta janela e ali eu desenhava e coloria um mundo infantil cheio de formas, cores, cheiros e texturas. Modelava minha imaginação com massa de modelar e com ela experimentava heróis e toda a ficção que uma infância solicita. Este quarto – este espaço – era um mundo, ou uma parte do mundo que era o meu mundo. Minha cama ficava encostada em uma parede e um guarda-roupa com portas de correr de vidro ficava encostado em outra parede. Em uma terceira parede havia meu terror de infância: um amontoado de tecidos que compunham um estúdio fotográfico de meu pai. Ali, minha imaginação fértil alimentava monstros horríveis de cor escura se movimentando principalmente à noite. O arranjo espacial daqueles tecidos sobre aquela terceira parede formava um palco para o desfile fantasmagórico destes monstros e personagens assustadores. Eram noites de verdadeiro pânico fomentado pela escuridão e um não-ver infantil peculiar de uma criança que tinha o espaço como protagonista de suas brincadeiras. Aquele estúdio fotográfico para meu corpo-infantil era enorme, quase a metade de meu quarto. Depois vim saber que eram poucos centímetros configurando um corredor que apenas entrava meu pai. Mas o que me confortava mesmo era o assoalho de madeira e a janela que se abria para este córrego-vala. Ali eu sentia o tão grande era aquele quarto.

Fisicamente, provavelmente, esta casa não existe mais hoje. Sei que esta casa e meu quarto apenas existem em meus vividos, naquilo que experienciei. Robert Sokolowski¹ (2004) nos fala que a memória e a recordação estão ligadas à percepção antiga de algo, uma vez que o que guardamos como memórias não são imagens das coisas que percebemos, e sim nós guardamos as próprias percepções antigas evocando-as quando recordamos. Assim, lembramos os objetos como foram dados naquele momento. Minha antiga casa e meu quarto de infância (re)aparecem para mim justamente da maneira como eles foram dados naquele momento de minha existência. É ainda em Sokolowski (2004) que entendo o processo de meus vividos virem à tona num esquema de presença e ausência, na qual uma acentua a outra. Sei que o quarto e toda sua configuração espacial estão ausentes agora, mas esta

¹ Robert Sokolowski é professor de Filosofia da Catholic University of America.

ausência marca a presença deste espaço em minha memória. E a cada momento que relembro o pequeno (embora grande) quarto, por mais que ele esteja ausente, sua presença vem forte, (re)marcando as marcas que estão arquivadas em meu corpo. Sinto o torpor do medo, a alegria da janela aberta, a textura do assoalho de madeira. Cada uma destas lembranças são novas e reinventadas a cada momento que eu as consulto. É assim que meu quarto de infância, um espaço generoso e de acolhimento por natureza, (re)aparece marcando seu ineditismo na parede de minha memória. Numa pausa, podemos constatar que

O passado vem à vida novamente, junto com as coisas nele, mas vem à vida com um tipo especial de ausência, uma que não podemos superar indo para nenhum lugar, como podemos superar as ausências dos outros lados da mesa movendo-nos para outra parte da sala e olhando desde lá (SOKOLOWSKI, 2004, p. 77).

Retorno a minha frase inicial "o espaço me fascina". Não sei muito bem quando foi, mas posso afirmar que em meus devaneios infantis e nas incursões na escola, sempre me interessava pela dinâmica espacial, sem mesmo saber que tal dinâmica existia. Em muitos momentos ia afirmando uma noção de espaço a qual lanço novos olhares ressemantizados a cada momento de minha trajetória. Lembro-me de medir as coisas com meu corpo: um palmo disto, um braço daquilo, dois dedos daquele lá, um punhado disso aqui... Até mesmo num exercício de escrita eu deixava o espaço de um dedo à frente da linha que inicia um novo parágrafo. Era meu corpo dando sinais que ele faz parte do mundo e não é apenas um mero suporte existencial. Criei assim minhas referências dimensionais partindo de meu próprio corpo. E as brincadeiras continuavam, cada vez mais incrementando este sistema de referências dimensionais sabiamente conduzidas pelo meu corpo. "Fique cinco passos longe de mim para começarmos a brincadeira de pega-pega!" ou "A alturinha só vale como barra se for da altura da metade da minha canela" eram proposições frequentes no mundo das brincadeiras e parlendas infantis.

Estas brincadeiras e parlendas foram mudando... Hoje sou arquiteto e meu fascínio pelo espaço tem outra dimensão. Proponho espaços para corpos conviverem. Analiso espaços observando como os corpos se movem e se apropriam destes mesmos espaços. Leio nestes corpos as percepções espaciais. É ainda em Sokolowski (2004) que busco clarificar a noção de recordação e percepção. O autor coloca-nos que a percepção apresenta um objeto diretamente para nós, e esse objeto é sempre dado numa mistura de presenças e ausências. Em virtude desta dinâmica que mistura presença e ausência trazendo-nos multiplicidade de manifestações, um e o mesmo objeto continua a manifestar a si mesmo para nós. O espaço acaba se tornando um e o mesmo para cada corpo que ali desenha sua trajetória.

Meu corpo-de-arquiteto desenha uma trajetória num *foyer* de um teatro. Este meu corpo-de-arquiteto especula com o olhar cada milímetro e depois o experiencia com cada parte do corpo aquele espaço. Vou a cada canto, vejo cada pormenor se revelando. Este *foyer* se revela para mim. Este *foyer* dá-se a oportunidade de ser enunciado por meu corpo-de-arquiteto. Agora, um ator desenha outra trajetória neste mesmo *foyer*. Não é melhor ou pior que a minha trajetória. É apenas a trajetória do corpo-de-ator a qual dá a oportunidade do mesmo *foyer* ser

enunciado no mundo. Pode até ser que em alguns momentos nossos enunciados, nossas trajetórias desenhadas, se toquem, se entrelacem, mas mesmo assim são duas distintas enunciações de um e do mesmo *foyer*.

É neste toque de trajetórias, nesta zona litorânea onde o mar da percepção toca as areias da praia do existir que arrisco colocar meu corpo(-de-arquiteto). É um risco o qual assumo. É uma escolha... Tento assumir a posição de estar nas margens e observar o rio e seu percurso, numa atitude transcendental. É aqui que quero estar e colocar (alguns) aspectos entre parênteses para a partir dali, das margens do rio da existência, realizar indagações de um e do mesmo rio...

Novamente retorno: o espaço me fascina. Mas que espaço é este? Sempre me pergunto exatamente isto... Para um arquiteto, seu trabalho é arquitetura, é projetar espaços... Mas acontece que não sou apenas um arquiteto... Sou também um professor... Arrisco-me dizer que sou um arquiteto-professor. Provavelmente este seria meu trabalho: arquitetar e professorar. São duas margens pelas quais observo, e é nelas que paro tudo e (re)penso, (re)vejo, (re)lembro e (re)escrevo. Não quero que esta escritura seja autobiográfica, desejo apenas que esta escritura seja autoral. Quero que ao ser lido este escrito ative no leitor um corpo latente que proporcione desenhar trajetórias num espaço porvir. Meu trabalho é desenhar espaços e ensinar possíveis trajetórias que podem ser desenhadas nos espaços que desenho. Sempre assumi um papel de desenhador. Ao arquitetar e professorar enfatizo o poder do desenho. Desenho para corpos e em corpos... Corpos que, por sua vez, desenharam nos desenhos que fiz para eles. Ao ler Sokolowski (2004), constato que na fenomenologia, o espaço pode ser categorialmente enunciado por muitas pessoas e não apenas por mim, podendo ser pensado e compreendido sob muitos modos. O espaço, assim, também acaba sendo conhecido por outras pessoas sob outras formas de descrição e conhecimento. Sokolowski (2004) alerta-me que não sou apto a formular todos os modos pelos quais um espaço pode ser conhecido, pois qualquer conhecimento que temos é determinado e pode ser limitado. É a partir do autor que reparo a riqueza deste cruzamento de possibilidades de desenhos:

A mistura de real e de potencial é elevada quando outros perceptores entram em cena. Se outros estão presentes, então constatamos que quando vemos o objeto desse lado os outros atualmente vêm-no de algum outro ângulo que poderíamos possuir se nos movêssemos para onde eles estão. O que é potencial para nós é real para eles (SOKOLOWSKI, 2004, p. 164).

Assim, o espaço e as possibilidades de desenhos transcendem a nós próprios. O espaço ou o desenho que fiz (projetei) não é só o que vejo ou que poderia ver, mas é o que todos os envolvidos neste espaço/desenho podem ver. A intersubjetividade espacializa-se nesta gama de possibilidades.

É, por este viés, que reflito acerca dos diversos espaços que nos circundam. O espaço doméstico, o de nossa casa, é o mais comum e onde podemos nos deter por mais tempo. Minha principal indagação vem ao encontro da mutabilidade deste espaço doméstico. Sempre

modificamos algo em nossa casa. É no livro *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard, que percebo o quanto a casa é preta de efemeridades poéticas. É no âmbito doméstico que o espaço assume e reassume papéis, é (re)desenhado por corpos e trajetórias corporais são traçadas. É muito pretensioso ao arquiteto desenhar esses pormenores poéticos. Parece-me que, objetivamente, ao arquiteto cabe apenas a estrutura física do espaço; e não-objetivamente, ao arquiteto cabe desenhar as possíveis possibilidades que desencadearão os desenhos das trajetórias corporais no espaço. É nesta ação não-objetiva que entra os vividos de quem desenha/projeta, e, em meu caso, em meus vividos cruzam-se o arquiteto e o professor, fundindo-se na figura de arquiteto-professor. Em Bachelard (1993), constato que espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e reflexão do geômetra. Assim, o espaço é um espaço vivido. Ressalto que é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Logo, o que experienciei com meu corpo serve como alicerce, como ponto de partida para se criar a possibilidade de outro corpo experimentar.

O desenho deve portanto resultar da cor, se quisermos que o mundo seja mostrado em sua espessura, pois ele é uma massa sem lacunas, um organismo de cores, através das quais a fuga da perspectiva, os contornos, as retas e as curvas se instalam como linhas de força; o limite do espaço se constitui vibrando. [...] Na percepção primordial, as distinções do tato e da visão são desconhecidas. É a ciência do corpo humano que nos ensina, posteriormente, a distinguir nossos sentidos. A **coisa vivida** não é reconhecida ou construída a partir dos dados dos sentidos, mas se oferece desde o início como o **centro de onde estes se irradiam** (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 130) [grifos meus].

Tendo isto em mente posso retomar a memória de meu quarto com a janela que se abria para o córrego-vala e com assoalho de madeira. Aquela situação espacial é uma das primeiras que me vem à tona quando me pego a desenhar um novo espaço. A preferência pela madeira e por janelas amplas ficaram marcadas em meu corpo desde que foram experienciadas em minha infância e procuro ressemantizar aquele espaço em cada espaço que desenho. Bachelard (1993, p. 24) situa esta preferência quando se refere que é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com nossas dialéticas de vida, as quais geram nossas raízes cotidianas num "canto do mundo". Ora, a casa é nosso "canto do mundo", nosso primeiro universo, e uma vez vista intimamente ela mostra-se humildemente bela em uma primitividade que pertence a todos os quais aceitarem sonhar. No entanto, procuro ensinar em um novo desenho como transpor o medo daquele canto escuro que fora o estúdio fotográfico de meu pai. É a volta daquele espaço de infância com uma nova roupagem e o convite a outras pessoas desenharem com seus corpos suas trajetórias e me mostrarem formas de vir-a-ser, fazendo com que, desta maneira, posso manter vivo em mim cada experiência por que passou meu corpo. Ressalto aqui que o corpo se desloca de uma experiência para outra experiência, somando experiências e marcando trajetórias existenciais.

Muitas indagações povoam minha mente quando penso desta maneira e ao tentar respondê-las o cansaço toma conta... Enfim, como posso ativar com meus vividos os vividos de outrem?

Como posso incorporar os desenhos do outro no meu desenho? Que respostas o outro me dá ao desenhar com seu corpo uma trajetória existencial no espaço desenhado por mim?

Por vezes observo esta série de indagações e deixo outras indagações virem ao ponto de que apenas torno-me espectador de meus pensamentos. Na tentativa de achar respostas vejo que todos os caminhos apontam para os sentidos mais viscerais de um corpo... Mais uma vez apoio-me nas margens e observo o rio e vejo aí uma possibilidade de tecer caminhos... É justamente deste lugar que desenvolvo juntamente com Sokolowski (2004) uma possibilidade (nova) de olhar (e compreender) o espaço. Ao abraçarmos alguém, o que está acontecendo? Nós damos o abraço ou recebemos o abraço? Sokolowski (2004) nos coloca a noção de reversibilidade ao experienciar o corpo, ilustrando tal noção concentrando-se no sentido do tato. É pelo tato que temos nossa posição no espaço, a resistência à ação da gravidade, a pressão da cadeira ou do chão, enfim, é pelo tato que estabelecemos nossa corporalidade. O autor ainda contempla que "toda nossa visão, audição e paladar tomam lugar dentro do espaço do corpo, e nossas memórias são armazenadas lá também" (SOKOLOWSKI, 2004, p. 136). Assim, todas as atividades do ser humano acontecem dentro do espaço assinalado pelo topo da cabeça à sola dos pés, nossa frente e costas, nossos lados direito e esquerdo e nossos braços. Logo, é com todo o meu corpo que experiencio o espaço e não apenas com um sentido deste corpo. Percebo que Sokolowski (2004) ainda contempla a relação espaço-corpo quando argumenta que o corpo move-se através do espaço do mundo, e ao mover-se no espaço pontos (ou relações) são estabelecidos.

É neste momento que penso em como os espaços estão por serem acabados, estão inacabados. Tal como a cidade de Tecla belamente descrita por Italo Calvino (1990) em seu livro *As cidades invisíveis*, acredito que cada espaço por que passamos tem como plano, como projeto, o desenho mutante das estrelas, onde nascem e morrem milhares delas todos os dias (ou noites?). Acredito que é difícil finalizar um espaço enclausurando-o num desenho final de relacionamentos, possibilidades e trajetórias... Desde o espaço doméstico de uma casa até a complexidade urbana de uma cidade pode-se ver o inacabamento. Identifico aí neste inacabamento a zona litorânea que quero estar para observar, para pôr entre parênteses, para realizar minha leitura fenomenológica.

Desvela-se perante meus vários sentidos possibilidades e convites de diversos pesquisadores... Novos (ou velhos) ares de pesquisar aquilo que sempre pesquisei, mas poucas vezes observei da outra margem do rio.

Iñaki Ábalos² (2003) no texto *Picasso em férias: a casa fenomenológica* de seu livro *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade* me faz pensar a respeito desta constelação como

² Iñaki Ábalos estudou Arquitetura em Madri (ETSAM, 1978), onde vive e trabalha. Além de autor de diversos livros é, junto a Juan Herreros, sócio-fundador de Ábalos & Herreros e de Exit LMI. Sua obra construída foi amplamente coligida pelos meios especializados, em três monografias (Catálogos de Arquitectura Contemporânea, Áreas de impunidad e Reciclando Madrid).

o projeto, como o planejamento de ações, um norteador da apropriação do espaço... Ábalos (2003) ressalta que o olhar fenomenológico não carrega consigo uma consistência temporal, mas uma intensidade do vínculo pessoal com o espaço como fenômeno do sentido (tanto emocional quanto intelectual). O sujeito protagonista seria, assim, um indivíduo diante de si mesmo e do mundo, um corpo sensível constituído através de sua experiência, vinculado, por meio da intenção, ao mundo e às coisas. Com isto, percebo que o tempo fenomenológico é um tempo lento e em suspensão, colocado entre parênteses, tornando-o também autoral e personalizado. É um tempo à margem de qualquer velocidade impulsionada quer pela nostalgia do passado ou pela incerteza do futuro.

Reparo, ainda, que em Merleau-Ponty a intensificação da experiência e a suspensão do tempo são relevantes; assim como em Bachelard (1993) tudo será ativação da lembrança e do sonho. Sugiro pensarmos o espaço fenomenológico com a técnica do devaneio (BACHELARD, 1993) a qual nos remete à infância e à casa natal onde a relação entre o eu e o mundo, segundo Ábalos (2003), ainda não foi deteriorada pela imposição de um modelo racional.

Assim, o sujeito que constitui e polariza a casa fenomenológica é um indivíduo cuja experiência do espaço provém tanto das lembranças e rememorações do passado, quanto das experiências sensoriais do presente: o seu passado não é um passado transcendente, relacionado à linhagem, mas um passado imanente e individual, relacionado à infância e à dupla ação do segredo e da descoberta. O sujeito fenomenológico será o menino escondido em cada um de nós, desfrutando do prazer proporcionado por férias prolongadas nessa imaginária casa natal, em que a convivência com muitos facilita a multiplicação e, conseqüentemente, a dissolução das hierarquias familiares cotidianas (ÁBALOS, 2003, p. 96).

É interessante destacar que Bachelard (1993) ressalta que a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. É por meio dos sonhos que as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros de dias antigos. Logo, quando, na nova casa, as lembranças das antigas moradas retornam, somos transportados a um país no qual vivemos fixações de felicidade. Desta maneira, somos reconfortados ao reviver lembranças de proteção. Bachelard (1993) ainda destaca que lembranças do mundo exterior não têm a mesma tonalidade das lembranças da casa, e, ao evocarmos as lembranças da casa adicionamos valores de sonho. No espaço de meu quarto de infância onde havia minha escrivaninha posicionada sob a janela que se abria para o córrego-vala, o guarda roupa com portas de vidro, minha cama e o aterrorizante estúdio fotográfico de meu pai feito com tecidos num canto escuro, observo a irracionalidade poética de um sujeito ocupar um espaço... O espaço fenomenológico constrói sua ideia através da excitação do ar, de uma ativação completa de sua inércia. O espaço deixa de ser compreendido como uma extensão neutra e transforma-se em um ente habitado por estímulos e reações e do nosso corpo entre eles. Desta maneira, qualquer objetividade é anulada, favorecendo uma presença protagonista polarizada pela revelação dos fenômenos físicos em interação com a própria

subjetividade. O espaço passa a ser um contínuo umbral, uma transição na qual se regularizam os intercâmbios e se organiza a complexidade labiríntica.

Observando este meu quarto de infância que paira em minha memória, reparo o quanto havia nele momentos de especial resplendor fenomenológico, desde a luminosidade que adentrava por aquela janela até o momento de total escuridão que ressuscitava os monstros do estúdio fotográfico. Eram momentos ligados aos fenômenos relevantes em cada caso, buscando a máxima intensificação da experiência por meio de seus esquemas desdobráveis e labirínticos. Cada um destes momentos mostra como o espaço fenomenológico (ou a casa fenomenológica?) e eu como habitante mantemos uma relação de extremo comprometimento ativo com o meio físico.

Espreguiçando-me sobre a cadeira para dar uma pausa às minhas reflexões e observando mais criteriosamente as imagens formadas em minha mente de meu quarto de infância, mergulho com mais profundidade nas palavras de Merleau-Ponty (1994). Sempre tentei imaginar o que Merleau-Ponty diria acerca do espaço e o quanto suas palavras acrescentariam naquilo que experienciei quando criança e experiencio agora ao escrever... O autor não me surpreende (pois já imaginava o que ouviria ao escutá-lo), ele simplesmente me faz demorar ainda mais em meus devaneios a respeito do espaço... Prontifiquei-me, inevitavelmente, à uma escuta atenta de Merleau-Ponty. Percebi que Merleau-Ponty (1994) situa o espaço não como um ambiente (real ou lógico) no qual as coisas se tornam possíveis. Em vez de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, o autor nos recomenda pensá-lo como a potência universal de suas conexões.

Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 328).

Assim, ouvindo Merleau-Ponty vejo a facilidade em mostrar que uma direção só pode existir para o sujeito que a traça, bem como um espírito constituinte pode traçar todas as direções no espaço.

Timidamente, aceito o convite de Merleau-Ponty (1994, p.334) para investigar a experiência do espaço para além da distinção entre a forma e o conteúdo. Digo timidamente pois sei ser justamente aqui que me deparo com a experiência espacial que tanto me desperta uma curiosidade científica. Experiência espacial e curiosidade científica que se entrelaçam com a minha trajetória existencial, uma vez que, como já disse anteriormente, o espaço me fascina... Merleau-Ponty polidamente me intimida ao colocar-me que o "alto" e o "baixo" são simples nomes para designar uma orientação em si dos conteúdos sensoriais. Intimida o arquiteto (que sou) que manipula estes "simples nomes" para configurar espaços para as pessoas desenharem suas trajetórias com seus corpos... Intimida (ou coloca em perspectiva?) uma formação calcada num objetivismo. O conforto à intimidação vem do próprio Merleau-Ponty:

Assim como o alto e o baixo, a direita e a esquerda não são dados ao sujeito com os conteúdos percebidos e são constituídos a cada momento com um nível espacial em relação ao qual as coisas se situam, da mesma maneira a profundidade e a grandeza advêm às coisas pelo fato de que elas se situam em relação a um nível das distâncias e das grandezas que define o longe e o perto, o grande e o pequeno, anteriormente a qualquer objeto-referência. Quando dizemos que um objeto é gigantesco ou minúsculo, que ele está distante ou próximo, frequentemente é sem nenhuma comparação, mesmo implícita, com algum outro objeto ou mesmo com a grandeza e a posição objetiva de nosso próprio corpo, é apenas em relação a um certo 'alcance' de **nossos gestos**, a um certo 'poder' do corpo fenomenal sobre sua circunvizinhança. Se não quiséssemos reconhecer este enraizamento das grandezas e das distâncias, seríamos reenviados de um objeto referência a outro, sem compreender nunca como pode haver aqui distâncias ou grandezas para nós. [...] Assim, a profundidade não pode ser compreendida como pensamento de um sujeito acósmico, mas como possibilidade de um **sujeito engajado**. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 359-360) [grifos meus]

Ao ouvir estas palavras de Merleau-Ponty tranquilizei-me, pois afinal de contas, começo a lançar um novo olhar ao que me fascina (o espaço). Entendo que enquanto massa de dados táteis, labirínticos, cinestésicos, nosso corpo não tem mais orientação definida do que outros conteúdos. Esta orientação nos chega do nível geral da experiência, pois, por exemplo, se me concentrar apenas no campo visual tal concentração pode impor uma orientação que não é a do corpo. Sinto, desta maneira, um entrelaçamento do corpo com o espaço. O poder de mudar de nível e de compreender o espaço vem com a "posse" de um corpo, assim como a "posse" da voz traz consigo o poder de mudar de tom. "O campo perceptivo se apruma e, no final da experiência, eu o identifico sem conceito, porque coloco ali, por assim dizer, meu centro de gravidade" (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 338).

Lanço-me sem muitos pudores às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, sabendo que pode ser nesse poder do sujeito sobre seu mundo a origem do espaço. Neste lançamento, a princípio em queda livre, sou amparado num outro entrelaçamento. Neste novo entrelaçamento, o do espaço com a percepção, reparo que, em geral, o espaço e a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento – a contribuição perpétua de sua corporeidade – ser uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento. Ainda engajado no entendimento das relações orgânicas entre sujeito e espaço, percebo que os signos, de acordo com Merleau-Ponty (1994, p.346) os quais hipoteticamente deveriam nos introduzir na experiência do espaço só podem significar o espaço se tais signos já são apreendidos nele e se o espaço já é conhecido. Assinala-se, desta maneira, que a percepção é a iniciação ao mundo e que não podemos colocar nela as relações objetivas que em seu nível ainda não estão constituídas.

Como derradeira pausa a este ensaio, remeto-me novamente a Italo Calvino (1990) e perco-me um pouco na cidade de Tamara...

Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo

símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável – árvores e pedras são apenas aquilo que são.

Finalmente, a viagem conduz à cidade de Tamara. Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tira-dentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda. Estátuas e escudos reproduzem imagens de leões delfins torres estrelas: símbolo de que alguma coisa – sabe-se lá o quê – tem como um símbolo um leão ou delfin ou torre ou estrela. Outros símbolos advertem aquilo que é proibido em algum lugar – entrar na viela com carroças, urinar atrás do quiosque, pescar com vara na ponte – e aquilo que é permitido – dar de beber às zebras, jogar bocha, incinerar o cadáver dos parentes. Na porta dos templos, vêem-se as estátuas dos deuses, cada qual representado com seus atributos: a cornucópia, a ampulheta, a medusa, pelos quais os fiéis podem reconhecê-los e dirigir-lhes a oração adequada. Se um edifício não contém nenhuma insígnia ou figura, a sua forma e o lugar que ocupa na organização da cidade bastam para indicar a sua função: o palácio real, a prisão, a casa da moeda, a escola pitagórica, o bordel. Mesmo as mercadorias que os vendedores expõem em suas bancas valem não por si próprias mas como símbolos de outras coisas: a tira bordada para a testa significa elegância; a liteira dourada, poder; os volumes de Averróis, sabedoria; a pulseira para o tornozelo, voluptuosidade. O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. Do lado de fora, a terra estende-se vazia até o horizonte, abre-se o céu onde correm as nuvens. Nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...

(CALVINO, 1990, p.17-18)

...e, reencontrando-me após a visita à cidade de Tamara, demoro-me nos detalhes, tento experienciá-los, tento apreender numa totalidade (será possível?) o espaço de Tamara. Reparo que isto gera movimentos em meu corpo... Um corpo que tenta desenhar trajetórias no espaço de Tamara... Sinto que para ter a experiência da estrutura do espaço da cidade de Tamara não posso recebê-la passivamente. Tenho que vivê-la, retomá-la, assumi-la, para então reencontrar seu sentido imanente.

Referências

ÁBALOS, I. **A boa-vida**: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.